

PAB 147
BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL
A mais Antiga Publicação Contínua sobre Dianética e Cientologia

de L RON HUBBARD

via Gabinete de Comunicações Hubbard
35-37 Fitzroy Street, London, W.1.

1 de Novembro de 1958

CURSO DE COMUNICAÇÃO

Quero dar-vos as boas-vindas ao Curso de Comunicação. Parece que um Curso de Comunicação é necessário como primeiro passo para um auditor. E se um auditor não passa com sucesso o Curso de Comunicação, então, em cada deslize como auditor, haverá na base algo de errado na sua audição.

É muito curioso que um dos níveis mais elevados da doutrinação, o Tom 40 num Objecto, seja na maioria das vezes abordado com insucesso por um estudante do nível de HPA ou HCA, quando ele falhou naquele de que vou falar a seguir, e que constitui o primeiro vislumbre da comunicação de um recém-chegado ao interior da Academia. Trata-se de "Querida Alice", parte A.

Eu tê-lo-ia divertido, no outro dia, descobrindo um antigo Director de Treino de uma organização, recambiado pelo treinador do Conselho de Revisão do HCO para o treino de "Querida Alice" para que se tomasse suficientemente capaz de passar no Tom 40 num Objecto. Mas era absolutamente necessário que isso acontecesse, porque ele era um veterano que estava por ali havia muito tempo, e por qualquer razão nunca tinha feito o "Querida Alice" que tinha sido omitido do seu treino. Apesar de toda a audição que tinha feito e de toda a experiência no seu activo, ao fim de todo este tempo encontramo-lo sentado na sala de treino, valendo ouro, com uma compreensão perfeita, a fazer Querida Alice, parte A, um homem que tinha provavelmente dado duas ou três mil horas de audição. Porém, cada vez que tinha dificuldades com um preclaro essas dificuldades eram ocasionadas por uma incapacidade de fazer Querida Alice, parte A, que, com efeito, consiste em entregar um comando de audição numa unidade de tempo, como ciclo de acção completo. Ele estava a entregar um comando de audição.

Bom, teremos ainda que alcançar o passo 2 e até o passo 3 antes de poder considerá-lo como um ciclo de acção completo. Mas no que diz respeito ao auditor, apenas na Querida Alice parte A, a sua tarefa está cumprida uma vez que entregou um comando de audição a um preclaro. Não o entregou para além das montanhas e para longe, ou para a janela. Entregou-o a um ser, e entregou-o desde onde se encontrava até onde estava o preclaro... e isto é muito fácil.

Qualquer pessoa a quem isto fosse descrito brevemente, de forma insuficiente, lá fora na rua, iria, falhando ao mesmo tempo, dizer-lhe: "É claro que posso comunicar com as pessoas! Com certeza! Não custa nada. Sou vendedor, sabe? Trabalho na Comissão de Energia Atómica. Sou alguém! Claro que comunico com qualquer pessoa". Olhamos em torno desse homem e ninguém ouviu coisa alguma do que ele disse desde os tempos da Arca de Noé. Para começar, ele nunca disse nada a alguém. Como que atira coisas cá para fora, sabe, esperando que aterrem. Bem, isto é o que passa por comunicação e está longe de o ser. Ele lança uma declaração de uma espécie ou de outra e pensa que está a comunicar com alguém.

É muito estranho, mas devo confessar neste ponto que a terceira dinâmica é simplesmente um acordo. É um acordo a que as pessoas aderiram, e portanto tem uma existência e certamente

não poderíamos viver neste mundo sem ele, mas constitui uma violação da fórmula de comunicação. Uma violação da fórmula. A única coisa com a qual pode falar, em última análise, é a um ser vivo, e todas as terceiras dinâmicas são compostas por dinâmicas individuais. Pode juntá-las e dizer que são uma terceira dinâmica, e isto constitui um acordo em que funcionamos, que é muito factual, e elas são muito factuais a não ser que as salientemos com a fórmula da comunicação, logo você não fala a todos os preclaros, mas a *um* preclaro.

Houve um sujeito chamado Franklin Delano Roosevelt que nunca falava à nação. Ele nunca falava à nação, mas a um cidadão individual. Por conseguinte, comunicava.

Houve outro sujeito que falava o mais belo inglês que jamais ouvi, com uma sintaxe quase incompreensível. Perfeito. Teria sido aprovado pelo exame mais crítico de um Professor de Inglês de Oxford: era Herbert Hoover. E não penso que Herbert Hoover tenha alguma vez dito olá a um cão. Não creio que em toda a sua vida ele tenha dito alguma coisa a alguém, em qualquer lugar. E quando este homem fazia declarações, elas não declaravam coisa alguma a ninguém em lado algum. Por isso ele não conseguia conduzir uma nação para fora da depressão. Não conseguiu conduzir coisa alguma, por uma excelente razão. Em última análise, não possuía o conceito de falar a um indivíduo, de levar a sua comunicação a aterrar ali mesmo.

Bem, estou a tocar num ponto sensível. Você dirá: "E o senhor, Ron? O senhor fala para um número incrível de pessoas". Bom, este é o segredo da Cientologia: eu não falo para um número incrível de pessoas. Falo para si. Não tenho qualquer conceito de uma grande multidão a ler os meus livros ou a escutar as minhas conferências. Posso obter o conceito múltiplo de falar com muita gente ao mesmo tempo, falando a cada um individualmente. Portanto, talvez acrescente um pouco de presunção à frase, mas de facto comunico.

Desta forma, alguém que queira saber como falar a uma multidão deveria começar por Querida Alice, parte A. Está pois muito longe de ser um passo sem importância. Não é apenas o passo inicial que tem que executar para completar o seu curso de comunicação de forma a poder aprender realmente alguma coisa. Não é nada disso. É a primeira porta que se abre, e essa porta abre-se quando se abre, abre-se quando pode comunicar uma declaração, de si para uma pessoa. Não nos preocuparemos com um preclaro, porque realmente na audição simulada a pessoa que está ali sentada como preclaro é na verdade um treinador, como sabe. Mas tem que transmitir alguma coisa, de si para essa pessoa. E tem que ser de si para essa pessoa, tem que ser *uma* comunicação. E quando o pode fazer, bem, está preparado.

Uma vez disse a alguém que, se tivesse um estudante muito difícil, não você, mas se tivesse um estudante muito difícil, o que faria com esse estudante difícil seria pô-lo através de sete semanas de audição simulada, na última semana ensinar-lhe a remediar a havingness e colocá-lo à solta com um certificado, coisa que seria um investimento seguro. Estaríamos perfeitamente seguros fazendo isso. Mas dar-lhe uma semana de audição simulada quando ele precisa de duas ou três, e em seguida tentar enchê-lo de dados em cramming e esperar que os processos o formassem de qualquer maneira, não faria um auditor, faria um risco, tanto para ele mesmo, como para os preclaros.

Portanto este primeiro passo não é fácil; é o passo mais duro que executará em Cientologia, e é por isso que se encontra mesmo no principio. Trata-se de dizer alguma coisa a alguém com total confiança de que ele a receba. E isso é uma façanha.

Muito bem. Como se faz isto exactamente? Damos um livro a uma pessoa. O livro é "Alice no País das Maravilhas". Porquê "Alice no País das Maravilhas"? Bem, simplesmente porque é esse. Não tem outro significado. Damos-lhe este livro e ele deve encontrar no livro as frases que desejar. (As pessoas que apenas querem ler o livro consecutivamente ao preclaro não estão

a fazer audição simulada. Uma vez mais, não estão em comunicação com o preclaro.) Ele deve encontrar uma frase. Não diz: "Alice disse" ou "A rainha disse?" ou coisas deste tipo que estejam na frase. Faz apenas a própria declaração, está a ver? "Porque correm eles tão depressa?" Bem, no livro diz: "Porque correm eles tão depressa?" perguntou a rainha. Não usamos "perguntou a rainha". Dizemos apenas "Porque correm eles tão depressa?"

Ele tira isso no livro. Porquê num livro? Porque não da sua cabeça? Oh, lembra-se, lembre-se de uma coisa: ao usar a língua, não está a usar as suas próprias ideias; você não inventou as palavras. Apenas ajudou a inventar as palavras que formam a língua. Já está a usar as ideias de outra pessoa. Bem, não há mal algum em compô-las em ideias novas suas, mas lembre-se de que já está a usar as ideias de outros quando fala.

Agora aprofundemos um pouco. É-nos dado um processo com um fraseado fixo. Oh, bem sei que o inventei, que o descobri de uma forma ou de outra, mas um número tremendo de auditores trabalhou com isto. Foi examinado longamente, e tomou-se expresso de uma certa forma, e essa certa forma poderia muito bem ter sido tirada por si do livro de texto e dada ao preclaro, e nunca funcionará se fizer isso. "Os peixes nadam?" não é um procedimento terapêutico, não é. A sua repetição pode ser muito boa para um auditor, mas não é um procedimento terapêutico. Porém a pergunta "Os peixes nadam?" não é realmente sua, no princípio, pois não? Recebeu-a do instrutor ou de um livro, e em seguida usou-a. Bom, quando foi que se tomou sua? Qualquer ideia é sua quando a faz sua. Não enveredaremos pelo materialismo dialéctico dizendo que nenhuma ideia é nova, porque isso não é verdade. Podem existir ideias novas. Mas se obtém uma ideia de outra pessoa, ainda assim não é ideia dela. É uma ideia sua. Não há nada de errado em se apoderar de ideias, não contém massa para o confundirem.

Tira uma ideia de um livro, ela torna-se uma ideia sua, em seguida, como a ideia sua, transmite-a ao preclaro. E isto é tudo, e é treinado desta forma. Não vai do livro para o preclaro. Vai do livro para o auditor. Em seguida, o auditor, fazendo sua essa ideia, expressa-a ao preclaro de forma tal que chegue até ao preclaro. Portanto vai do auditor para o preclaro. Porém ele usa o livro como terceira via, porque a maior parte do material que ele irá manejar em comunicação provém de uma fonte exterior a ele. Você tem simplesmente que se acostumar à ideia de que não há nada de errado em usar as ideias de outra pessoa.

Eu sei sempre qual o estado de aprendizagem da Cientologia de alguém quando me falam de Cientologia como: as "suas (minhas)" ideias. Elas dizem: "tenho estado a ler as suas ideias". Fico logo a saber que esta pessoa não pode comunicar. É muito curioso. É mesmo maravilhoso, porque eles revelam imediatamente que não podem dar este primeiro passo básico de pegar numa ideia e, em seguida, comunicá-la a outra pessoa. Estão de parte a olhar o mundo num sentido lato e não fazem parte dele, porque não podem possuir nenhuma das ideias desse mundo. Se não podem possuir nenhuma das ideias do mundo, então não poderão possuir nada no mundo, porque a coisa mais fácil de possuir é uma ideia. Não há qualquer massa que o impeça.

Portanto, treinamos exactamente desta forma. Queremos que a pessoa encontre uma frase em "Alice no País das Maravilhas" e, em seguida, como sua própria ideia, a comunique ao preclaro directamente e possa dizê-la uma vez e outra, a mesma frase se o desejar, de qualquer forma que deseje dizê-la, até que o preclaro (que é na verdade um treinador) lhe diga que acha que chegou até ele.

Por vezes o preclaro, no primeiro dia, sente-se também um pouco estranho acerca destas frases de comunicação, e por vezes baseia toda a sua crítica na erudição, na pronúncia, na forma como o auditor tem o dedo mindinho enquanto diz a frase. Isto não tem nada a ver. É a intenção que comunica, não as palavras. E quando tem a intenção de comunicar com o preclaro, e essa

intenção viaja até ele, chegar-lhe-á. Se transmitir essa intenção, mesmo que esteja a falar chinês, se for um cientologista, ela chegará.

Um dos passos de um nível de doutrinação muito mais elevado, o Tom 40 8C, consiste inteira e completamente em dizer coisas em tons de voz estranhos ao comunicar uma intenção usando tons de voz muito inusitados; bem, isto não faz parte de Querida Alice. O tom de voz não tem importância; a pronúncia não tem importância. O que conta é se a pessoa conseguiu extrair uma ideia desse livro, fazê-la sua e em seguida comunicá-la. A intenção deve comunicar. E deve ser comunicada numa unidade de tempo. Isto quer dizer que não é repetida a partir da última vez que foi repetida. É nova, fresca, comunicada em tempo presente. O quinquagésimo quinto comando de "Os peixes nadam?" é o quinquagésimo quinto, e não uma repetição do primeiro. Desta forma temos uma unidade de tempo, um comando e a intenção. E quando conseguimos transmitir estas coisas, encontramos em seguida outra frase e comunicamo-la. É desta forma que isto se faz, e espero que descubra que ajuda a comunicação.

L. Ron Hubbard
Fundador

Trad. ML:JP:RK: